



José Soares

Transparência

Os fabricantes do conhecimento

“Há cerca de cento e vinte anos (1890), 76% da população portuguesa maior de 7 anos não sabia ler nem escrever”.

Um século e pouco depois, os dados apurados pelo Censo de 1991 indicam a percentagem de 12,7% para o analfabetismo em Portugal. Os progressos foram notáveis.

“Hoje, Portugal tem dez vezes mais alunos no ensino secundário do que a 25 de abril de 1974. A taxa de analfabetismo chegou aos 9% em 2001 e, em apenas dez anos, desceu quase para metade (5%). Mas Portugal continua a estar entre os países europeus com mais pessoas sem saber ler nem escrever.” – (Instituto Nacional de Estatística).

No momento, os dados indicam que ainda temos cerca de 4% de analfabetismo nos Açores. Ainda é demasiado.

Os governos têm sido tímidos num maior investimento no extenso campo da cultura. Está melhorando a passo de tartaruga... parece que têm medo de educar o Povo...

A prioridade de qualquer sistema democrático é a de privilegiar a pedagogia e valorizar socialmente a instrução como fator fundamental na definição do cidadão interveniente e participativo. Temos de fazer melhor.

Uma das vertentes que muito contribui para essa necessária melhoria é sem dúvida a Comunicação Social, tanto jornais e revistas como televisão e rádio. E os Açores neste momento têm acesso a vários órgãos regionais como internacionais, com exceção de alguns problemas de distribuição de cabo que persistem nas Ilhas mais pequenas o que – nos prometem os responsáveis – irá melhorar nos próximos 2 anos.

Por isso a inauguração em Portugal da cadeia televisiva internacional CNN – Cable News Network – vem dar, esperamos, um avanço substancial à informação global de forma instantânea, direta, factual e mais transparente. Quebram-se com isso muitos interesses de competitividade em cartel que porventura ainda restassem, bem como restrições de informação clara e factual a que os padrões da CNN contradizem e a fizeram notabilizar. Irá obrigar a concorrência a mudar para melhor as formas e conteúdos – alguns deles viciados, agindo como fabricantes da ignorância.

Os contatos de terceira dimensão com esta ou aquela estação televisiva, com esta ou aquela redação jornalística, para impedir ou travar a notícia que se julga prejudicial ou assim fugir à opinião pública, vão diminuir drasticamente, dada a imparcialidade de uma televisão que não está ligada por nenhum laço ideológico ou interesseiro aos banqueiros, aos partidos, aos amigos de cor e outras coisas mais...

É um forte contributo ao progresso sociocultural de expressão portuguesa. Esperamos que a coragem prevaleça.

O direito de informar e ser informado, acima dos ‘segredinhos de justiça’.

As dinâmicas democráticas a melhorar a sociedade no seu todo e para o seu melhor.

Que sejam verdadeiros fabricantes do conhecimento, na interminável busca da inteligência humana pela utópica perfeição.

lusologias@gmail.com



Chrys Chrystello*

Escravidão Perpétua

“A escravidão não é coisa do passado e nunca foi tão lucrativa”.

O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, especialista em tráfico de pessoas e escravidão, temas que leciona na Universidade de Harvard. “Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado”. A estimativa é que a escravidão gere lucros de 150 biliões de dólares por ano. Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Em 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas nestas condições em 50 países.

Mas afinal de que escravidão falamos? a generalizada e comum: “Nunca ninguém foi verdadeiramente livre” por mais aparência que existisse, como nas gerações 1960-1999, em que mais liberdadinhas houve no mundo ocidental. Sempre houve normas e convenções, mas a humanidade esteve dependente dos desígnios da minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, da fixação do horário de trabalho, à remuneração, recompensa por bom comportamento dos súbditos, até à existência ou não de tempos de lazer, se tal não afetar a capacidade produtiva. Ninguém escapa à engrenagem, nem os que vivem off-the-grid (fora da rede), pois necessitam de bens produzidos pelo sistema e a troca direta “barter”, nem sempre é possível.

Os desprovidos são os desempregados, sem-abrigo e os que fugiram ao ciclo produtivo, com liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viver à sombra da bananeira, numa ilha deserta, rica para a alimentação, vestuário e outras necessidades. Só é possível em literatura de ficção. Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor, desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos espetáculos circenses que reproduzem a máxima romana de “pão e circo (panem et circenses)” que vai dos mundiais de futebol a outros alegados desportos dominados pela máfia do dinheiro, anestesando as massas e criando escape a sentimentos reprimidos.

Basta averiguar o mito das férias que perpetua a escravatura consumista. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar, caso contrário, nem subsídio de férias.

Se (por ex.º) viver na Lomba da Maia, sem dinheiro extra nem carro, vai a pé 4 km até à Praia da Viola e chamará a isso férias, ou aproveitará o tempo para cuidar da casa, pintá-la ou renová-la com o seu trabalho e chama a isso

de férias.

Se vai para fora (cá dentro ou lá fora) de férias e já entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes da invenção a que chamam dinheiro. Endividou-se para estudar, então trabalhe, para reembolsar a banca, que sobrevive explorando-o a si e aos demais.

Se pensa que não é um escravo, pense na vida dos seus antepassados e verá como é apto o título desta crónica.

Se pensa que os donos disto tudo são livres, desengane-se, sem nós, escravos perpétuos, nada são e têm de se certificar de que há escravos (como nós), para manterem o sistema a funcionar. Por mais oleado o esquema, precisam de inventar continuamente de novas normas e retribuições, para que a roda dentada da engrenagem funcione e dê lucros, maiores. Até eles são escravos da escravatura que impõem aos outros. Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de inventarem o dinheiro? Não há relatos.

Os poetas, sonhadores, escritores, enganam-se pensando que são livres, só na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade.



Na Líbia séc. 21

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)